

Os órgãos de comando no quadro da Companhia de Fuzileiros

Pelo Cap. PAULO VIEIRA DA ROSA

Regressando das Manobras de Bagé, o Cap. Vieira da Rosa anotou os pontos essenciais que chamaram a sua atenção e os ensinamentos adquiridos na prática do Comando de uma Companhia.

Destacando de suas observações, o que viu sobre o funcionamento dos órgãos de comando nos escalões G. C., Pel. Fuz. e Cia. de Fuz., ressalta de forma simples e clara, neste artigo, o que a experiência lhe mostrou.

E' jora de dúvida que não pretende esgotar, nem dizer a última palavra sobre o assunto, mas é evidente a contribuição preciosa que dá para a solução do problema.

Belo exemplo para ser seguido.

O mau funcionamento dos órgãos de comando é mais consequente do desconhecimento da razão de ser de certas atribuições do que da falta de treinamento ocasionado pela falta de efetivos.

Dentro dêste pensamento venho trazer o resultado das minhas observações nas manobras de Bagé, deixando em mão dos camaradas um lembrete útil ao enquadramento dos subtenentes e sargentos nos órgãos de comando.

À frente de cada fração ou unidade de tropa há um chefe, única pessoa qualificada para tomar decisões, fazê-las executar e ser responsável por elas.

No quadro atual do combate, em que a crescente potência de fogo agrava o problema da coesão, o chefe não poderá chamar a si tôdas as ações necessárias ao exercício rápido e eficaz do comando, múltiplas como são num terreno quasi sempre desconcertante.

O raciocínio, a intenção e a decisão são do chefe.

No combate cabe ao Capitão cumprir uma missão im-

posta, num determinado terreno, com os meios seus ou os que, à varamente, foram postos à sua disposição, apesar das reações inimigas.

Em consequência êle necessita:

- receber a missão
- meditar profunda, mas rapidamente sôbre ela
- conhecer o terreno, quer como o usará ou como o fará o inimigo
- conhecer o inimigo, seu valor, suas possibilidades
- conhecer os elementos visinhos que secundará ou por quem será secundado
- pesar bem seus próprios meios para dosá-los com justiça
- “assentar bem nitidamente o que deseja fazer”
- decidir, afinal, sem desculpas para êrros
- atuar no desenrolar da ação que faz executar
- manter “em forma” sua tropa pelo movimento de suas necessidades.

Quando se analisa esta soma de trabalhos do Capitão, a executar em espaço de tempo terrivelmente curto e sem direito ao menor êrro, compreende-se porque o R. E. C. I., tão pródigo, lhe dá trinta e três auxiliares diretos.

Parece muito, mas não é. Não fôra sacrificar a mobilidade e a economia severa do elemento homem, mais auxiliares se daria ao Capitão.

No G. C., célula da Infantaria, reduzido ao mínimo possível para a mobilidade de um fogo potente, já sente o Sargento dificuldade em tomar a si tôdas as suas ações no combate.

Êle observa e transmite com o auxílio dos seus **volteadores**; êle provê o grupo com os mesmos, salvo quanto ao remuniciamento, cuja importância já requer especialização (**remuniciadores**); contudo nada obsta que recorra aos mesmos volteadores para remuniciar.

Não é em vão que todo o soldado recebe instrução de observação, transmissão, remuniciamento e outras modalidades de provimento do grupo.

No **Pel. Fz.** já avulta de tal modo a dificuldade da ação exclusiva do chefe que o R.E.C.I., parco por natureza, lhe impõe um grupo particularmente destinado a auxiliá-lo, sem embargo de lhe permitir reforçá-lo, dentro de sensata oportunidade, com elementos dos **G.C.**

E' assim que o Tenente observa com o seu **observador**, transmite com seus dois **mensageiros** e remunica-se com os seus três **remuniçadores**, todos especializados para essas funções. E' assim que lhe autoriza, em momentos mais severos, reforçar a observação, a transmissão e o remuniçamento com os cabos volteadores e remuniçadores dos **G.C.**

E' princípio de sucesso a coordenação e esta está a cargo do **2.º Sgt. cerra-fila**.

Aquí, cabe uma pergunta: por que **2.º Sgt.** e não, simplesmente um **3.º Sgt.**? E' que para o que coordena a observação, a transmissão e remuniçamento é garantia de sucesso a ascendência sôbre os outros **Sgts.** Mas dirão, bastava haver um quarto **3.º Sgt.** e o mais antigo assumiria o cargo. Responderei que a antiguidade não é elemento suficiente para a completa ascendência e, além do mais, produziria um rodízio perigoso para a continuidade da coordenação.

Na Companhia, duas coisas balizam, de modo já mais nítido, as necessidades de auxílio ao Capitão:

- a) a sua atuação direta no cumprimento da missão (preparação, decisão, execução);
- b) a sua atuação indireta, mantendo "em forma", isto é, eficiente a tropa pelo provimento de suas necessidades.

Os primeiros são os auxiliares no comando que constituem o Grupo de Comando; os segundos, no provimento, constituindo o Trem de Combate.

Percorramos o R.E.C.I. e procuremos explicar a razão de ser de cada um desses auxiliares.

Comanda a **Secção Extranumerária** — eis sempre a necessidade de chefes — um **Sargento Ajudante**, gradação alta numa fração onde há um **1.º Sgt.** Como Cmt. é êle res-

ponsável perante o Capitão pelo bom funcionamento do seu agrupamento quer instruindo-o no tempo de paz, quer dirigindo-o no tempo de guerra.

A sua ação, porém, é mais direta no T. C., acionando-o com precisão. Todos têm observado que o T. C., pelo seu vulto e conseqüente vulnerabilidade bem como nenhuma interferência no fogo, fica sempre à retaguarda, quasi isolado, às mais das vezes longe do Capitão. O Grupo de Cmdo., este como veremos, é colocado à ilharga do chefe. Em conseqüência, é útil que ao elemento mais longe do chefe seja dada uma direção mais responsável, que, no caso, é o Sgt.-Ajudante.

Aquí um parêntese: — com a criação do **Sub-tenente** aparecem duas soluções para o Sgt.-Ajudante:

- a) sua extinção;
- b) sua volta ao G. Cmdo. libertando o 2.º Sgt. para as suas verdadeiras atribuições de chefe da observação e transmissão da Cia.

Comanda o G. Cmdo o **2.º Sgt. Trns.-Obs.**, por ser, evidentemente, o mais graduado do Grupo. E', originariamente, o controlador da observação e transmissão que são a razão de ser do G. Cmdo. Por que, porém, êsse pôsto? Não tenho dados positivos para afirmar a escolha de um 2.º Sgt., mas suponho que por analogia com os Cmts. de G. Extra. do Pel. Fz. Em todo o caso o Capitão terá nesses últimos reserva fácil para substituir o seu 2.º Sgt. e a continuidade estaria assegurada. Em conseqüência é necessária uma instrução particular de observação e transmissão aos 2.º Sgts. das Cias.

Aparece agora o **cabo furriel**, "secretário" do Capitão com a sua caderneta multicopista, escrevendo ordens belligáveis e informações não menos nítidas, ditadas pelo Capitão, enviando-as imediatamente a destino, pois, no combate mais do que em qualquer outra ocasião "Time is money". Ora, por ser obrigado a enviá-las torna-se o chefe natural das transmissões (meios de enviá-las).

Mas, porque o cabo furriel e não outro?

Não possui já o cabo furriel outras atribuições?

Não ficaria melhor acionado no T.C. onde essas atribuições aparecem (folhas de vencimentos, material etc...)?

Todavia o Capitão precisa de um secretário. Ora, o cabo furriel é sempre escolhido entre os que possuem boa letra, superior instrução, método de trabalho... não será uma razão? Não será também porque exista para as funções no T.C. o 3.º Sgt. Furriel e, particularmente aos víveres e forragens, o cabo do rancho, permitindo a sua saída sem prejudicar o funcionamento do T.C.?

O Capitão tem que observar constantemente o terreno, o inimigo, os elementos vizinhos, seus próprios elementos; isto antes, durante e após a ação; isto sem solução de continuidade. Poderia fazê-lo sozinho?

Não, evidentemente.

Uma Cia. ocupa terreno que raramente pode ser des-cortinado de um só local; contudo não é tão extenso que não possa ser visto de dois pontos, salvo raríssimas exceções. Dois postos de observação são suficientes.

Dois P.O., dois observadores. Bastarão?

Claro que não.

Um homem dificilmente observará com eficiência mais de uma hora; ficará, sem dúvida, exausto. Acresce que é preciso informar o que observou e com presteza. Isolado no P.O., sem poder tirar a vista do terreno, onde as mutações são rápidas, nunca poderia informar. Ora, um auxiliar resolveria facilmente o problema do cansaço e da transmissão.

Bem, dois P.O., quatro **observadores**. Demos aos dois P.O. um elemento coordenador e teremos o **cabo observador**, como chefe da turma de observação da Cia.

Agora, necessita o Capitão enviar ao Major, aos Pels., aos vizinhos, ordens, partes, informações. Necessita também dar ordens de efeito instantâneo como o fogo de barragem, a partida para o ataque, etc....

Enviar, transmitir...

O Major está longe, os vizinhos também, alguns Pels. próximos. As distâncias são várias, presteza sempre a mes-

ma; evidentemente é necessário meios de velocidades diferentes.

Daf o ótico, a sinalização a braço, o estafeta, o mensageiro e os artificios. . .

Para o Major, visinhos e Pel. longe, conforme o tempo e a extensão do despacho o ótico, as bandeirolas, o estafeta. Para mais próximo, o mais perfeito meio de transmissão: mensageiro.

Já temos alguns homens especiais — o estafeta e quatro tambores-corneteiros. Quem usará o ótico e as bandeirolas

O R.E.C.I. acumula, por economia, essa sinalização nos observadores. E' que êsses já possuem a acuidade visual tão essencial à transmissão de sinais e são, por natureza, os elementos menos móveis e, consequentemente, os mais à mão.

Chegamos a um ponto controvertido: os artificios. Quem os lançará?

Autores entregam-nos ao sinaleiro-observador; outros ao cabo-furriel; terceiros, ao 2.º Sgt. das Trns. e Obs.

Estou com os últimos. Em sinais que desencadêam ações instantâneamente (barragem, partida para o ataque, etc....) há uma enorme responsabilidade. Não há mais que remediar o êrro da prematuridade ou atrazo. Empregar um simples sinaleiro-observador é diminuir a observação no seu momento mais crítico. O cabo furriel, êste está atento, de lápis pronto, a caderneta na mão; a gravidade do momento impõe usura absoluta do tempo.

Mas não é tudo. E' observando que nos guardamos das surpresas; é impedindo-a que nós fazemos as surpresas. O inimigo teme mais os nossos olhos do que o nosso fogo. O fogo cego não causa temor. Ele os teme e os procura, ansiosamente, para os cegar. A observação é vizadíssima. Pode combater um pernetta, fá-lo um surdo; nunca o fará um cego.

Vamos, pois, garanti-la contra êsse ódio que procura destruir a observação (olhos do Capitão) e o P. C. (cérebro do Capitão). Tropa sem chefe é tropa vencida. Foi Tibúrcio quem fez o 16.º B.I. no Paraguai.

Aparecem, então, para êste trabalho duro, penoso, sem descanso, homens fortes, bons trabalhadores, já conhecedores de como preparar um abrigo eficaz para a observação sem solução de continuidade e para a proteção do cérebro da Cia. — os **sapadores**.

■ quando pensamos no árduo trabalho, achamos pouco quatro sapadores.

Eis como nasceu das próprias contingências, de modo rasoável e claro, o Grupo de Comando do Capitão.

Vejamos, agora, o T.C.

Qual será a necessidade mais premente no combate?

Certo podemos combater um dia ou dois com sede; fá-lo-emos até quatro ou mais, com fome; mas não duraremos um minuto sem munição e armamento.

E' pois necessário garantir a questão sempre exigente do material bélico, provendo a fome insaciável da arma automática ou substituindo as falhas de armamento. Questão grave que exige um homem capaz, já que o Capitão não pode fazê-lo pessoalmente: — o **3.º Sgt. do Material Bélico**.

Bem, matamos a fome do armamento e mantivê-mo-lo em perfeito estado de saúde; podemos, agora, tratar da nossa fome e da nossa sede: — o **cabo do rancho** e os dois **cozinheiros** o farão

Há ainda os nossos uniformes em farrapos, os equipamentos em pedaços. Ora, se o mal é remediável ali estão solícitos o **alfaiate** e o **sapateiro correiro**, mas se não há remédio o **Sgt. furriel** nos dará outros.

E os nossos direitos de serviços?

E as relações entre os homens e as unidades?

Queremos nossos esforços escriturados como base de futuros direitos; tudo isso fá-lo-á, pressurosamente, o **1.º Sgt. Arquivista**. O seu pôsto, indicativo da experiência no assunto, garante-nos o que desejamos.

O Capitão, é bem de ver, não poderá correr a pé a extensa área ocupada pela Cia.; seria cansá-lo e roubar-lhe tempo precioso à decisão. Ai! dos chefes exáustos. Um automóvel é demais, uma moto é ineficiente, uma bicicleta

ainda menos, mas um cavalo, que tudo passa, eis o Capitão bem servido. E para ter êsse cavalo sempre pronto a ser usado, um homem ainda — o **ordenança**.

Eis-nos defrontados com o vil metal, vil, mas contingente. O 3.^o Sgt. **Furriel** tratará disso tanto mais carinhosamente, quando também êle não está livre da fascinação do vil metal. Não se acha presente? Mandou-o o Cap. para junto do Major?

Foi necessário, creiam-me, pois está lá tratando dos nossos interesses.

O Capitão, sempre atento à sua Cia., não pode ir pessoalmente e mandou-o. Escolheu êsse Sgt. e não outro pela própria natureza de suas atribuições, pois o material enorme que a Cia. necessita lhe é afeto.

Viveres, munição de reserva, material de transmissão, barracas de oficiais, etc. como levaremos isso tudo de modo a termos sempre à mão? Já se disse que quem venceu Canudos foi a extensa coluna de burros que levou as necessidades às tropas sitiadas.

Solução — viaturas, muâres, homens que saibam acioná-los e um chefe. Está assim assegurado pelas viaturas, muâres, **condutores** e **cabo condutor** o transporte do material necessário para manter a tropa em bom estado de arcar com as durezas do combate.

Então, assim auxiliado, o Capitão poderá cumprir as suas essenciais obrigações de chefe: — **meditar, decidir, executar!**

Gestos de comando peculiares às unidades motorizadas e mecanizadas

Pelo 1.º Ten. AARÃO BENCHIMOL

Com o objetivo de tornar uniforme e difundir os meios de comando das unidades motorizadas e mecanizadas, apresento este trabalho, calcado no que já está consagrado no Centro de Instrução de Motorização e Mecanização (C. I. M. M.).

GESTOS RELATIVOS A CIRCULAÇÃO SOBRE ESTRADAS OU ATRAVÉS CAMPOS

ATENÇÃO



Braço direito levantado verticalmente.

MOTOR ALTO



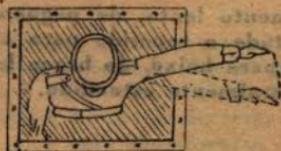
Braços cruzados acima da cabeça, mãos no prolongamento dos ante-braços.

MOTOR EM FUNCIONAMENTO



Formar um círculo em torno da cabeça, com os braços arqueados, mãos abertas e no prolongamento dos ante-braços, dedos unidos e tocando-se pelas extremidades, acima da cabeça.

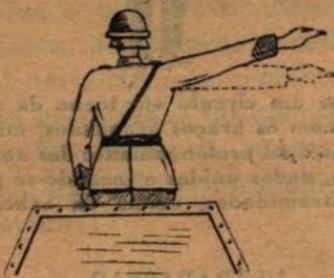
ULTRAPASSAR



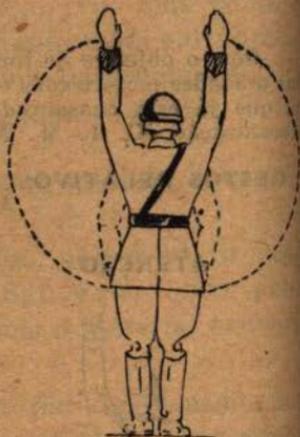
Estender o braço horizontalmente para o lado, com a palma da mão voltada para a frente, depois executar pequenos balanceamentos com o braço de trás para a frente e vice-versa.

ACCELERAR

Com o punho cerrado, à altura do ombro, erguê-lo e baixá-lo várias vezes, verticalmente

DIMINUIR A VELOCIDADE

Movimento lento, de pequena amplitude e repetido para cima e para baixo, do braço lateralmente estendido.

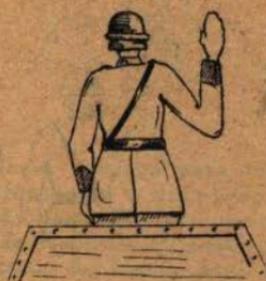
**"A BORDO" (embarcar) e
"EM TERRA" (desembarcar)**

Braços levantados verticalmente e abaixados rapidamente. O gesto significa "a bordo", quando as equipagens estão em terra, e "em terra", quando estão a bordo.

**MUDAR DE DIREÇÃO
À ESQUERDA**

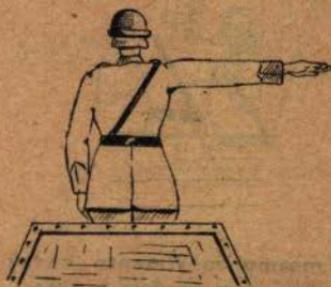
(Partindo a indicação do lado esquerdo da viatura): Estender, lateral e horizontalmente o braço esquerdo para fóra da viatura; conservá-lo assim estendido até que a viatura tenha tomado a direção desejada.

MUDAR DE DIREÇÃO A ESQUERDA



(Partindo a indicação do lado direito da viatura): Colocar braço direito para fora da altura com o ante-braço levantado verticalmente; conservá-lo assim até que a viatura tenha tomado a direção desejada.

MUDAR DE DIREÇÃO A DIREITA



(Partindo a indicação do lado direito da viatura): Estender, lateral e horizontalmente, o braço direito para fora da viatura; conservá-lo assim estendido até que a viatura tenha tomado a direção desejada.

MUDAR DE DIREÇÃO A DIREITA



(Partindo a indicação do lado esquerdo da viatura): Colocar braço esquerdo para fora da altura com o ante-braço levantado verticalmente; conservá-lo assim até que a viatura tenha tomado a direção desejada.

EM COLUNA



O braço estando estendido lateralmente na altura do ombro, aproximar o punho do ombro e repetir diversas vezes este movimento.

EM COLUNA DUPLA



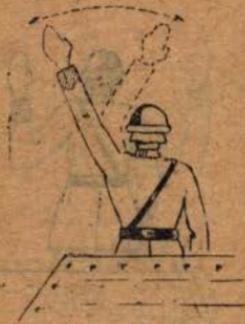
O mesmo movimento executado com os dois braços

VIATURA EM PANE



Levantar os dois braços verticalmente.

EM LINHA



Elevar verticalmente um braço, incliná-lo diversas vezes da direita para a esquerda e vice-versa.

COMBINAÇÃO DE VELOCIDADE A EMPREGAR



Mostrar o número de dedos correspondente ao número de ordem da velocidade a empregar; fazer o gesto com uma só mão quando se tratar das velocidades normais e com as duas, quando se tratar das reduzidas.

ALTO!

Colocar o braço para fora da viatura com o ante-braço baixado verticalmente, executando movimentos de pequena amplitude, da frente para trás e vice-versa.

MEIA VOLTA

O braço estando estendido verticalmente executa um molinete com o ante-braço.

**A DIREITA (ESQUERDA)
POR VIATURA**

O chefe orienta a sua viatura para a nova direção que ele mostra com o braço e depois executa o gesto de acelerar.
DIMINUIR AS DISTÂNCIAS
Fazer o gesto de acelerar, a

viatura testa conserva a mesma velocidade.

AUMENTAR AS DISTÂNCIAS
Fazer o gesto de diminuir a velocidade, a viatura testa aumenta a velocidade.
PEDIDO DE DEPANAGEM
Fazer o gesto da viatura em pane, depois o de acelerar.

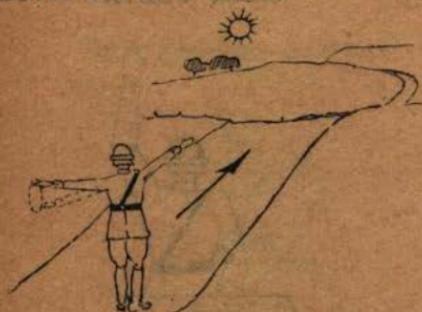
GESTOS EXECUTADOS DE TERRA**ALTO (DE DIA)**

Fazer face ao veículo e estender os dois braços horizontalmente.

ALTO (DE NOITE)

Fazer face ao veículo e balançar uma lanterna da direita para a esquerda e vice-versa, ou colocar imóvel uma lanterna vermelha sobre a estrada

ESTRADA LIVRE (DE DIA)



Colocar um braço estendido na direção a seguir, e fazer molinetes com o outro braço mantido horizontalmente.

ESTRADA LIVRE (DE NOITE)

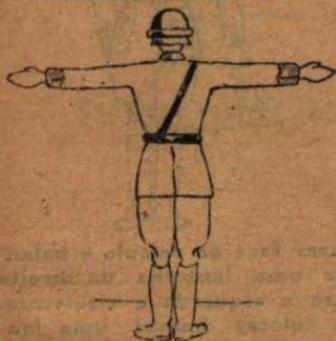


Balançar a lanterna no plano da direção a seguir, com a luz clara dirigida para o motorista.

CERRAR A CINCO METROS E PARAR (DE NOITE)



Executar o gesto de diminuir as distâncias com uma lanterna
GESTOS RELATIVOS A PRATICABILIDADE DO TERRENO,
FEITOS PELOS EXPLORADORES DO TERRENO

PASSAGEM IMPOSSIVEL
AONDE EU ESTOU

Os dois braços estendidos lateral e horizontalmente e mantidos imóveis.

PASSAGEM POSSIVEL
AONDE EU ESTOU

Posição de sentido.

GESTOS RELATIVOS AO COMBATE

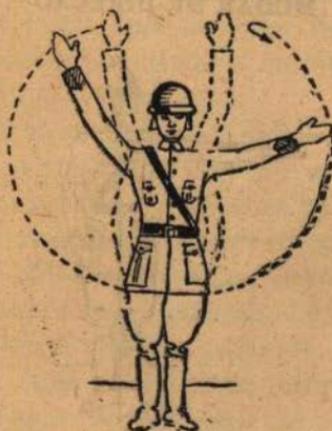
DISPOSIÇÕES DE COMBATE
SÓBRE VIATURAS

Elevar um mosquetão horizontalmente acima da cabeça.

DESCARREGAR E
TRANSPORTAR

Fazer o gesto de desembarcar com o mosquetão.

TRAZER AS VIATURAS



Os dois braços estando estendidos horizontalmente, balançá-los alternativamente, de cima para baixo e vice-versa.

GESTOS DESTINADOS A DIRIGIR A MANOBRA DE UM CONDUTOR EM SITUAÇÃO DIFÍCIL OU DURANTE AS MANOBRAS DE GARAGE O CHEFE, A PE', FAZENDO FACE AO VEÍCULO

EM FRENTE



Chamar para si com as duas mãos a viatura, repetindo, tanto quanto fôr necessário, o movimento.

MARCHA A RE'



Fazer o sinal de repelir a viatura com as duas mãos, repetindo o gesto quanto fôr necessário.

MUDAR DE DIREÇÃO



Estender lateral e horizontalmente o braço correspondente ao lado para o qual se deseja que a viatura gire; conservá-lo assim estendido até que a viatura tenha tomado a direção desejada.